

## SOS - ARTE AO MAR

Em meados do século XIX, os impressionistas recusados na exposição oficial do governo francês, criaram o salão dos independentes. Foi uma conquista histórica, os artistas mostraram o que sentiam e como o meio influenciava a percepção, ao invés de ajustar sensibilidade a convenções. Daí para cá, com criatividade, novos “ismos” ampliaram a liberdade de expressão. Isso levou a uma efusão criativa, mas também ao culto da novidade.

Em 1966, participei com Massena, do 1º SNAP – ES. O aprendiz, com telas em preto e branco, o mestre com paisagens. Fui canonizado com obras colocadas na entrada, ele castigado numa divisória dos banheiros. No Oregon (1982) um crítico americano, questionou pela TV o uso de recursos e espaços públicos para compra e instalação de esculturas escolhidas por comissões de notáveis ao invés de concurso público. Mostrava imagens de algumas dessas esculturas, localizadas em praças públicas, com pessoas passando sem lhes dar atenção. Anos depois acompanhei no Rio, um protesto público quando da colocação de uma peça, de artista famosa, sobre as águas da lagoa Rodrigo de Freitas. Logo retirada. Em Vitória, alertado pelo Júlio Tigre, verifiquei o estrago que brocas vinham fazendo numa escultura do Krajacberg colocada, com destaque, na entrada da rodoviária. Na ocasião (1983) poderia ser recuperada por marceneiro; solicitei providências e alertei a imprensa. Passados alguns dias, um vizinho me disse: “A coisa tem valor, mas eu sinceramente não vejo nada naquilo”. Voltei à rodoviária, a base da escultura preenchida com areia, havia se transformado em lixeira. Durante o tempo em que observei passantes, não vi interesse pela peça. Na mesma época, alertado pelo fotógrafo Romulo Honorato, denunciei à presidência da Vale do Rio Doce, por ofício do CEC, o envio de uma escultura do Mário Cravo que haviam retirado do clube Cauê, propriedade da Vale adquirida pelo Estado, para o depósito de inservíveis daquela empresa. Hoje sabemos que essas peças excelentes foram destruídas.

Num texto publicado na imprensa local (1984) “Criar e Mostrar”, defendi a tese de que o artista nunca erra ao realizar uma obra que o satisfaça. Admitimos possibilidade de erro apenas, “quando e” a quem mostrar”. Arte é o tipo de relação que se estabelece entre a obra oferecida pelo artista e o observador. Não existe arte sem público e quem não mostra, fica no vir a ser.

Em 1965, com 17 anos, influenciado por Roberto Newman, criador do MAM-ES e pelas Bienais de São Paulo, pintei alguns quadros usando o asfalto que retirei da Av. Jeronimo Monteiro, primeira a ser asfaltada em Vila Velha. No ano seguinte, usando o fundo de uma caixa de queijos e inúmeras cápsulas coloridas de remédios, fiz uma “pop-arte” protestando contra o desaparecimento das farmácias e a multiplicação das drogarias. Aprecio a arte experimental, especialmente a que provoca, feita e exibida por conta própria.

Dentre os diversos segmentos sociais, o artista é sempre tratado com generosidade, conseguindo até o aplauso. Deve corresponder, mostrando o que faz e até o que pensa. Estranhei que num salão, em Vitória, tendo o mar como tema, ninguém lembrou do petróleo e da ilha da Trindade: hoje, preocupação e esquecimento, quando pensamos nas nossas praias. Foram censurados?

É ingênuo participar de salão com comissões e prêmios, de um concurso sem conhecer o sistema de avaliação e respaldar uma missão impossível que arrepia a ética, classificar obras de arte. Além de mostrar uma visão tacanha da arte, como se esta estivesse contida na obra, desprezando sua relação com o público.

Não faço crítica ao trabalho dos artistas expositores, têm sempre toda liberdade e licença, pecaram se submetendo a uma comissão. Vendo a exposição, temos a sensação de que os trabalhos foram feitos para nota e não para o público. Seria mais próprio realizá-la na escola, com recursos próprios. De fora com o público, ficaram mais de 200 artistas que enviaram trabalhos, pessoas que produzem e sustentam essas experiências. Recebi o catálogo da mostra, tem vinte páginas: a capa e mais dez para créditos, textos de autoridades e críticos; nas nove páginas que restaram, agruparam os 25 artistas. Os 7 classificados, com páginas individuais e textos de 3 linhas, os outros 18 em 2 páginas.

Se há alguma novidade nesse salão do mar, é que 250 anos depois do salão dos independentes impressionistas, artistas capixabas e mineiros impressionam por depender desse salão pretensioso.

Kleber Galvêas – pintor - 12/00

Rua: Antenor Pinto Carneiro, 66 - Centro - Barra do Jucu - Vila Velha - Espírito Santo - Brasil - Cep.:29125-120 Telfax: (27) 3244-7115.

e-mail: atelie@galveas.com www.galveas.com